

RUBEM BRAGA

SÓ LOUCO

HÁ muito bancário ficando doido. O professor Francisco Sá Pires, chefe do Serviço de Psiquiatria do Instituto dos Bancários, está impressionado com isso. Deu uma entrevista a «O Globo» dizendo que um grande número desses neuróticos é vítima de um sentimento de frustração; homens pobres, ganhando pouco e ainda por cima tendo o ônus de boa apresentação, eles vivem a lidar com montes de dinheiro ou com papéis que representam dinheiro. Passam o dia inteiro a lidar com milhões — e às vezes seu orçamento se desequilibra, no fim do mês, por causa de algumas centenas de cruzeiros...

É de amargar, na verdade. De todos os trabalhadores nenhum terá a consciência tão viva da desigualdade social como o bancário. Ali onde ele trabalha dinheiro não é apenas um meio de troca ou medida de valor: é, sobretudo, mercadoria, algo que se compra e se vende, e se reproduz em lucros. E o bancário vê que dia a dia esses lucros aumentam, não somente em volume como também em proporção ao capital; aumentam às vezes de maneira vertiginosa todas as cifras com que ele diariamente lida — menos a de seus salários. Se o rapaz não é de cabeça muito fria a única porta para escapar à tentação de um desfalque é mesmo uma boa neurose. E lá vai mais um dar trabalho ao nosso bom Chico Pires.

Tenho em mão algumas cifras. Aqui está um sólido e honrado banco desta praça, que desfruta a preferência do alto comércio português; no primeiro semestre deste ano, para uma soma de capital e reservas de 232 milhões, teve um lucro líquido de 55.1 milhões. Aqui está um estimável banco mineiro, onde outrora, por camaradagem, me foi permitido empinar vários «papagaios» e onde hoje guardo minhas reservas, na agência de Ipanema. Leio com interesse o resumo de suas operações no primeiro semestre deste ano e decido continuar lhe confiando meus dois ou três mil cruzeiros: para 276 milhões de capital e reserva, teve um lucro líquido de 53.9 milhões...

É um dinheirinho bastante bom. Não faz mal a ninguém, a não ser ao bancário que o manipula e que nem sempre consegue se abstrair perfeitamente a ponto de esquecer que aqueles tijolinhos de cédulas cor de abóbora e aqueles números que ele passa o dia enfileirando e somando não são apenas seu material de trabalho: são coisas que permitem morar bem, viver bem, ter um bom carro e um lindo sítio além de muitas outras amenidades. E que valem, sobretudo, pelo que representam como falta de angústia, sossego de vida, ausência de medo do futuro de um homem e seus filhos.

O bancário atacado de neurose sabe que, deixando de trabalhar, com um atestado do Chico Pires, ele passará a receber no máximo 60 por cento do que recebe, e é tão pouco; essa idéia, sem dúvida, não contribui em nada para ajudá-lo a superar sua neurose... Além da frustração, angústia e medo.

As vezes essas coisas me fazem pensar que os loucos e neuróticos é que são sadios. Este nosso prezado regime capitalista só subsiste, talvez, por haver conseguido incutir na grande massa uma neurose especial, um tipo de loucura mansa: o respeito à ordem, o conformismo e a eterna paciência...